

Associação Internacional de Lusitanistas

Avanços em  
Literatura e Cultura Portuguesas  
Século XX. Vol. 1

(Eds.)

Petar Petrov  
Pedro Quintino de Sousa  
Roberto López-Iglésias Samartim  
Elias J. Torres Feijó

AL

ATRÁS  
editora



AVANÇOS EM

Literatura e Cultura Portuguesas.

Século XX.

Vol. 1

*Avanços em Literatura e Cultura Portuguesas.*  
*Século XX. Vol. 1*

1ª edição: Abril 2012

Petar Petrov, Pedro Quintino de Sousa, Roberto López-Iglésias  
Samartim e Elias J. Torres Feijó (eds.)

Santiago de Compostela-Faro, 2012  
Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)  
Através Editora

Nº de páginas: 406  
Índice, páginas: 5-7

ISBN: 978-84-87305-57-3  
Depósito legal: C 595-2012

CDU: 82(09) Crítica literária. História da literatura.

© 2012 Associação Internacional de Lusitanistas (AIL)  
[www.lusitanistasail.net](http://www.lusitanistasail.net)

© 2012 Através Editora  
[www.atraves-editora.com](http://www.atraves-editora.com)

Diagramação e impressão:  
Sacauntos Cooperativa Gráfica - [www.sacauntos.com](http://www.sacauntos.com)

*Reservados todos os direitos de acordo com a legislação em vigor.*

## ÍNDICE

NOTA DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS.....	9
NOTA EDITORIAL.....	11
SINGULARIDADES DO FANTÁSTICO EM MANUEL TEIXEIRA-GOMES.....	13
Ana Alexandra Seabra de Carvalho	
O <i>ESTILO TARDIO</i> DE VERGÍLIO FERREIRA.....	31
Carlos Manuel Ferreira da Cunha	
OS BAIRROS DA LATA: A DECADÊNCIA DA MEMÓRIA EM <i>SIGNO SINAL</i> DE VERGÍLIO FERREIRA.....	41
Elaine Zeranze Bruno	
SARAMAGO, UM AUTOR “OBSCURO”?.....	59
Maria da Graça Gomes de Pina	
ENTRE O TRÁGICO E O IDEOLÓGICO, MODERNISMO E PÓS-MODERNISMO EM JOSÉ SARAMAGO.....	69
Maria Lúcia Wiltshire de Oliveira	
O LIRISMO DE JOSÉ SARAMAGO EM <i>PROVAVELMENTE ALEGRIA</i> , <i>OS POEMAS POSSÍVEIS</i> E <i>O ANO DE 1993</i> .....	81
Elielson Antonio Sgarbi	
REPRESENTAÇÕES HISTÓRICAS E BIOGRÁFICAS: JOSÉ SARAMAGO E O TEATRO.....	97
Cláudio de Sá Capuano	
A(S) SEGUNDAS(S) VIDA(S) DE FRANCISCO DE ASSIS: TOMÁS DE CELANO E JOSÉ SARAMAGO.....	113
Maria do Amparo Tavares Maleval	
SARAMAGO POR SARAMAGO: UMA GALÁXIA DE ROSTOS.....	131
Maria Heloísa Martins Dias	
COISAS DE SARAMAGO.....	147
Marcelo Pacheco Soares	
UM OLHAR SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DO AUTORITARISMO EM <i>O ANO DA MORTE DE RICARDO REIS</i> E <i>EM LIBERDADE</i> .....	165
Célia Aparecida Ribeiro Rodrigues	
Marilúcia Mendes Ramos	

OS PARADIGMAS SIMBÓLICOS DA OBRA DE SARAMAGO, FRENTE AOS PROBLEMAS DA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	179
Najla Jorge Lucrecia de Sales Ribeiro	
A ORDEM E O CAOS: PLAUTO E SARAMAGO.....	195
Nefatalin Gonçalves Neto	
NAS VEREDAS DE CAIM: A MARCA, A MANCHA, O SINAL DA MORTE.....	213
Isabelle Christ Bruno	
JOSÉ SARAMAGO E GABRIEL GARCÍA MÁRQUEZ: NARRAÇÕES E PERGAMINHOS.....	231
Isabel Araújo Branco	
ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA: O HORIZONTE PERDIDO DO HOMEM CONTEMPORÂNEO.....	243
Márcia Cavendish Wanderley	
Alessandra de Almeida Braga	
FICÇÃO E HISTÓRIA EM SARAMAGO E PEPETELA.....	259
Maria Helena Sansão Fontes	
ESCREVER O MÚTUO: A RECEPÇÃO EM MARIA GABRIELA LLANSOL.....	279
Cristiana Vasconcelos Rodrigues	
NA ARENA DO TEXTO, O CORPO-A-CORPO COM A LEITURA.....	301
Luci Ruas Pereira	
O TEXTO DE LLANSOL: CORPO TATUADO EM ESCRITA.....	317
Sônia Helena de O. Raymundo Piteri	
OS CONTADORES DE HISTÓRIAS DE TEOLINDA GERSÃO.....	325
Jane Rodrigues dos Santos	
REVISITAÇÃO DA ÉPICA EM 2011: A CIDADE DE ULISSSES, DE TEOLINDA GERSÃO.....	337
Annabela Rita	
DA HISTÓRIA COMO PESADELO: FADO ALEXANDRINO, DE ANTÓNIO LOBO ANTUNES.....	353
Silvana Maria Pessoa de Oliveira	
A MODERNIDADE DA ESCRITA DE ANTONIO LOBO ANTUNES, EM AS NAUS.....	365
Luciana Cristina Correa	

CAMINHAR COM OS RIOS SEM PERDER O HUMOR OU A MAÇADA DA MORTE É PERMANECER MUITO TEMPO MORTO.....	385
Elizabeth Maria Azevedo Bilange	
COMISSÃO CIENTÍFICA PARA O X CONGRESSO DA AIL.....	401



## **NOTA DO PRESIDENTE DA ASSOCIAÇÃO INTERNACIONAL DE LUSITANISTAS**

A Associação Internacional de Lusitanistas quer oferecer ao público interessado um alargado conjunto de investigações que possam informar, em boa medida, do estado da arte na pesquisa em ciências humanas e sociais do âmbito da língua portuguesa. Os onze volumes que a AIL publica contam com mais de 250 estudiosas e estudiosos de mais de 100 Universidades e Centros de Investigação da Europa, Estados Unidos da América e o Brasil, prova da extraordinária vitalidade das nossas áreas.

Para este trabalho, foi imprescindível o labor de uma equipa de revisão científica, entre os quais, toda a Direção e o Conselho Directivo da AIL, de alta qualificação e especialidade nos diversos assuntos aqui focados, a quem agradecemos vivamente a sua incessante e rigorosa dedicação.

O X Congresso da AIL, celebrado na Universidade do Algarve, mediu neste processo como marco fundamental. Ele fica também como um fito na nossa vida associativa. Fique aqui o nosso muito obrigado para as entidades colaboradoras da AIL nesse evento. Esta nota toma a sua plena razão de ser como testemunho de sincero agradecimento a todo o grupo humano dessa universidade que o possibilitou e às pessoas que me acompanharam na Comissão Organizadora: Carmen Villarino Pardo, Cristina Robalo Cordeiro, Regina Zilberman e Petar Petrov. Quero, igualmente, estender esse agradecimento ao nosso novo Secretário Geral, Roberto López-Iglésias Samartim, pelo seu excelente trabalho co-editorial e organizativo na Associação.

Para o Prof. Petrov e para o Dr. Pedro Quintino de Sousa, coordenador executivo e responsável técnico desse X Congresso, respetivamente, quero reservar as últimas e principais palavras de gratidão: o seu compromisso, trabalho e rigor ficam como inesquecíveis para a Associação Internacional de Lusitanistas.

Elías J. Torres Feijó



## NOTA EDITORIAL

O presente volume faz parte de uma série de 11 que a Associação Internacional de Lusitanistas oferece ao público e aos estudiosos do âmbito das ciências humanas e sociais na esfera da língua portuguesa.

Os contributos que os compõem são fruto de um trabalho e de um processo de seleção e debate intensos. Assim, os textos foram submetidos à sua avaliação por pares, a posterior discussão no X Congresso da Associação Internacional de Lusitanistas organizado entre os dias 18 e 23 de julho de 2011 no Campus de Gambelas da Universidade do Algarve sob a coordenação executiva do Prof. Petar Petrov e, finalmente, à confirmação e revisão final, tendo em consideração os debates mantidos nas sessões do Congresso (em cujo site foram também previamente disponibilizados) e as propostas e críticas apresentadas por cada um dos leitores e ouvintes. De 350 propostas ficaram finalmente algo mais de 250, num processo que tenta garantir o rigor e prestígio académico precisos.

Na organização dos onze volumes agora publicados delineou-se uma tábua temática e cronológica com uma subdivisão de géneros – distingue-se a prosa, a poesia, o teatro e, incluídos nos géneros em causa, a teoria, os estudos autorais e o comparatismo cultural. A cartografia textual apresentada conduz o leitor pelas literaturas e culturas de Portugal (da Idade Média ao século XX), volumes 1 a 5; do Brasil (séculos XV a XX), volumes 6 a 8; de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe e África do Sul (século XX) juntamente com as da Galiza (séculos XVIII a XX) no volume 9; pela Cultura e o Comparatismo nas Lusofonias no volume 10 e pelas Ciências da Linguagem no volume 11 (lugar de grande destaque na produção ensaística do Congresso e onde foram abordadas temáticas distintas como o contacto de línguas, análise constrativa, análise histórica, fonética e dialectologia, morfologia e léxico, análise textual e ensino).



**ESCREVER O MÚTUO:  
A RECEPÇÃO EM MARIA GABRIELA LLANSOL**

Cristiana Vasconcelos Rodrigues  
Centro de Estudos Comparatistas, FLUL / Universidade Aberta

Começamos por citar as palavras de Maria Gabriela Llansol, retiradas de *Onde Vais, Drama-Poesia?* [OVDP<sup>1</sup>]:

Passam por mim e há alguns (suprema felicidade!) que lavam o rosto com o meu texto. [...] Eu abano a cabeça, e eles insistem: “Gabriela, diz.” Até que eu, impaciente, lhes suplico que subam a Parasceve e combatam pela sua própria Poesia. Que *eu não sei*, e que só através deles, no seu regresso, posso vir a conhecer.

(OVDP: 25)

Este passo fala dos poetas convocados pelo texto de Llansol, “mensageiros que passam à minha mesa” (como aí se diz), cuja presença mais concreta são os poemas que escreveram: “Lembro-me de Hölderlin, de Dickinson, de Rimbaud, de Aossê, de Musil, de Jorge Anés, e de outros. O legente também os conhece, sabe quem são.” (OVDP: 24). As palavras de Llansol que acabamos de citar são uma excelente forma de nos situarmos no assunto que nos traz a este trabalho – falamos do singular caso de recepção que constitui esta autora, cuja escrita de pensamento e de afecto se deixa adensar no cruzamento com outras escritas. Desde logo, no primeiro enunciado citado, há a sugestão de que na troca entre a voz que acolhe e as vozes acolhidas no texto reside a chave para o conheci-

---

<sup>1</sup> Na referência aos textos de Maria Gabriela Llansol faz-se uso das siglas que constam na bibliografia primária no final deste trabalho, acrescidas da respectiva página.

mento, por todos desejado; aí, também, percebemos que a relação entre *eu* e *eles* se constrói no próprio devir textual, disposto no perfil fragmentário e no ritmo sincopado da escrita. Depois, no segundo enunciado, há a convocação, e conseqüente transformação, da personagem temporal a ser figura textual, a começar pelo seu nome; por exemplo, Aossê e Jorge Anés referem-se a Fernando Pessoa e a Jorge de Sena, respectivamente, após a reformulação anagramática dos nomes destas duas figuras da cultura portuguesa; por seu turno, o nome “legente” convoca o leitor, tornado figura no texto llansoliano. Mas mesmo os nomes dos restantes poetas (e o nome de Gabriela), devem ser lidos, antes de mais, como nomes de figuras que se encontram e dialogam no devir textual llansoliano, antes ainda de os vermos como poetas citados por Llansol nos seus livros. Este trabalho<sup>2</sup> pretende descrever como a recepção em Llansol é endógena à sua própria escrita, e portanto como se opera a reversibilidade entre ler e escrever, ou receber e figurar.

Quando se fala em recepção nos estudos literários, fala-se obviamente na relação entre textos, ou da relação de um texto com um fenómeno ou uma memória histórica, e a intertextualidade que se constata nas obras de Llansol não é disso excepção. Inerente ao fenómeno da recepção literária está, também, a intenção (mesmo quando não é evidente) de, no texto que a celebra, reescrever a história ou a memória do outro que recebe, procedendo à sua necessária transformação; e disso o texto de Llansol é, até certo ponto, sintomático. O estudo da recepção numa obra literária implica, além do mais, a assumpção da existência de vestígios da leitura do objecto da recepção; neste sentido, o autor é, antes de mais, um leitor, e Llansol aqui também não é excepção (antes pelo contrário, e como veremos, o que se pode constatar sobre a sua recepção, ou leitura, também se diz, por inteiro, da figuração operada no texto, ou da escrita) o elo entre leitura e escrita no texto llansoliano merece, por si só, um espaço de pesquisa e reflexão nos estudos llansolianos<sup>3</sup>.

---

<sup>2</sup> O trabalho que apresentamos resulta da reformulação crítica de parte de uma dissertação de doutoramento apresentada em 2006 à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, e defendida em 2007, com o título *O Atrito do Mundo. Espinosa e Hölderlin pela mão de Llansol*.

Partindo deste plano para ilustrar os aspectos peculiares da recepção em Llansol, consideremos o seguinte passo:

Colocou “A Viva Chama” sobre “A Noite Obscura” e “A Noite Obscura” sobre “O Cântico Espiritual”; escrevia a súplica de Müntzer que o urso, à sua frente, transportava nas patas; escrevia um novo livro “O Livro das Comunidades”, desconhecido nas suas Obras Completas.

(*O Livro das Comunidades* [LC]: 49)

Este enunciado i) institui as “Obras Completas” de João da Cruz, pelo gesto de colocar todos os seus títulos uns sobre os outros, como quem desenha o seu caminho de escrita, para depois ii) rasgar a sua suposta completude com o novo livro que anuncia como “desconhecido” nas suas obras. Destes gestos percebe-se não só a intertextualidade entre os textos de Llansol e João da Cruz, mas também a mutualidade das suas vozes, ao fazer de João da Cruz – a figura do escritor em LC, sempre acompanhado do Livro que escreve – o escritor de LC, o livro que o acolhe como figura. Da mesma forma, a voz do texto LC, localizável no eu narrador, torna-se “escriba anónimo, ínfimo funcionário” (Agamben, 2006: 90<sup>4</sup>) enquanto copista de textos-outros. A rasura é, objectivamente, a da memória histórica, e o tempo no texto é inexistente, estando no seu lugar a figura em-encontro-com (o texto, a escrita, as outras figuras, o texto LC, o eu que o narra, o outro que o escreve...), o que significa também dizer em metamorfose: João da Cruz ainda escreve, e o sujeito de enunciação do texto

<sup>3</sup> Cf. o estudo exaustivo e muito interessante de Maria Etelvina Santos (2008) sobre a leitura no texto llansoliano, que percorre em detalhe o movimento que vai da leitura à escrita.

<sup>4</sup> O contexto em que aparecem estas designações no ensaio de Agamben sobre “O autor como gesto” prende-se com uma antologia de documentos de arquivo reunida por Michel Foucault, escritos por escribas anónimos cuja função era simplesmente registar de forma lacónica as vidas que a instituição do poder marcava como infames. Não querendo partir para uma analogia talvez demasiado forçada entre a vida infame (só narrável pela inexpressividade do discurso anónimo que a regista como tal) e a *restante vida* llansoliana, há um curioso paralelo entre o anonimato de quem escreve sobre a infâmia e o anonimato cultivado por quem escreve pela voz dos rebeldes da história. Pedro Eiras, de resto, aponta para esta mesma analogia ao falar da *restante vida* llansoliana por confrontação ao despojer de Barthes e à infâmia de Foucault (2005: 596-597).

deixa que ele escreva, tornando evidente a auto-reflexão do próprio texto. É desta forma que o texto acolhe e é acolhido, deixando-se moldar, enformar, pelas vozes com que se constitui, e celebrando uma mútua contaminação de textos, que exige delas uma relação sem hierarquia ou regra de qualquer outra ordem. Mas esta relação íntima entre vozes tão diversas ainda nos diz sobre o esbatimento das fronteiras entre o ler e o escrever, pois no papel de escritor de LC atribuído a João da Cruz está a alegoria do próprio acto de leitura, no acto de citar e de copiar está, desde sempre, a celebração da leitura: enquanto momentos de escrita, a cópia ou citação, por literal que seja, nunca o é de facto, pois trata-se aqui de uma cópia que pensa com o texto primeiro, que escreve com ele, que se apaga nele, ou seja, que aponta antes de mais para o seu momento primordial e fundador, que é o momento da leitura. A reversibilidade entre leitura e escrita, que é também a que se estabelece entre o mundo e o texto (Gusmão 2003/05: 125), vem desenvolvida em OVDP, a propósito da poética de Llansol que aí se apresenta, tendo na figura com o nome de *sexo-de-ler* uma das suas ponderações mais acabadas.

O encontro é, portanto, o nó fundamental da escrita llansoliana, e o estudo da recepção em Llansol não pode deixar de o descrever. O encontro de que falamos aqui é, sobretudo, entre o Texto-Casa e a Figura, ou entre o Eu narrador no texto-casa e a Figura, ou entre a Figura e outras no texto-casa, incluindo a que dá pelo nome de Llansol, ou Gabriela. Que dinâmica tem este encontro?

“Eu é o outro que eu vejo em mim.” (*O Jogo da Liberdade da Alma* [JLA]: 17<sup>5</sup>) – há uma deslocação para a potência do ser, pelo esvaziamento da identidade, mas não o da entidade que é o Eu. A ontologia do texto llansoliano só é possível no acolhimento dos textos-outros, num encontro de rostos que se mantêm singulares e permeáveis entre si, crescendo numa relação de reciprocidade e de mutualidade que Emmanuel Levinas situa no que chama de *frente-a-frente* (2000: 23-28). Partindo do conceito levinasiano do vazio<sup>6</sup>, Pedro Eiras escreve que a interrogação inicial que faz encontrar as figuras no texto não tem uma resposta que

<sup>5</sup> Em *O Senhor de Herbais* (SH: 261), citando por sua vez LC: 46, vemos João [da Cruz] escrever o epitáfio: “*este é eu, e eu sou ele próprio*” – o texto llansoliano pratica correntemente a intertextualidade consigo mesmo, não só com outros textos.

preencha um espaço vazio, pois tal preenchimento implicaria um quadro conceptual prévio ao mesmo; e descreve o sentido da comunidade llansoliana, que não é o da assimilação do heterogéneo ou da absorção do diverso, mas simplesmente o da convivência, no “respeito pela diferença” (2005: 608), que faz do rosto o “advento de uma ordem de sentido” (2005: 611). Com a ajuda de Levinas e de Espinosa, conseguimos delinear a dinâmica relacional das figuras no texto: assim, trata-se da constatação existencial de um eu enquanto ser pensante irreduzível, na linha do *cogito* cartesiano – “A identidade universal em que o heterogéneo pode ser abrangido tem a ossatura de um sujeito, a primeira pessoa. Pensamento universal, é um ‘eu penso,” (Levinas 2000: 24) –, que só acontece na prática pensante enquanto encontro com o outro, na linha espinosiana do que chamo de fenomenologia do corpo, entre afecção e afecto (*Ética*, II, Prop. XIII, 1992: 211ss.; e III, Prop. II, esc., 1992: 270-273):

O corpo humano pode ser afectado de numerosas maneiras pelas quais a sua potência de agir é aumentada ou diminuída. [...]

O corpo humano pode sofrer numerosas transformações e conservar, todavia, as impressões ou vestígios dos objectos, e, conseqüentemente, as imagens das coisas.

(Espinosa, 1992: 267-268 [*Ética*, III, Post. I e II])

Resulta, desta percepção, que “quem pensa, dispõe-se a um infinito de realidades para além de si mesmo.” (*Um Falcão no Punho* [FP]: 146), revelando-se desta forma a ontologia do ser no acolhimento mútuo.

“Quando o homem aborda verdadeiramente Outrém, é arrancado à história” (Levinas, 2000: 39). As palavras de Emmanuel Levinas ajudam-nos a perceber como a recepção llansoliana se estrutura eticamente – esta frase faz eco do encontro que o texto llansoliano opera, desde LC,

<sup>6</sup> Em *Totalidade e Infinito* (2000: 170), Levinas escreve: “Se o vazio [...] não equivale ao nada, mesmo na ausência de todo e qualquer objecto particular, *há lá* esse mesmo vazio. Ele não existe por força de um jogo de palavras. A negação de toda a coisa qualificável deixa ressurgir o impessoal *há*, que por detrás de toda a negação, regressa intacto e indiferente ao grau da negação.” Pedro Eiras faz, de resto, o desenho da presença do pensamento de Levinas no texto de Maria Gabriela Llansol (2005: 607ss.).

entre nomes da história de tempos e de espaços díspares, numa atemporalidade que é da ordem da imanência e que tem raízes profundas no pensamento espinosiano, que molda de forma incontornável a estética de Maria Gabriela Llansol. As metamorfoses que a matéria histórica sofre no texto llansoliano – à medida do encontro a três que se opera entre o eu, o outro, e o próprio texto que os faz encontrar –, dizem-nos do pensamento que se cultiva sobre essa matéria, para lá da constatação reductora de que se efabula a partir da mesma; porque este pensamento se firma como tal na escrita do encontro propriamente dita. Por isso, os nomes inventados para as personagens resgatadas à história, e a sua alteração gráfica ao longo do texto, são um sinal interessante do desvio operado em relação à sua memória temporal, não por motivos meramente ficcionais ainda adentro das regras de verosimilhança, mas por razões relacionadas com a cristalização espaço-temporal destes nomes e o efeito directo da mesma, fortemente impeditivo do seu verdadeiro conhecimento. O nome é a visibilidade primeira da figura no texto, e guarda o dom que a figura traz consigo e com o qual se relaciona com outras figuras. Num ensaio sobre “Magia e Felicidade”, Giorgio Agamben distingue a condenação do nome que nos é imposto da chave de acesso à felicidade que constitui o nome inventado (2006: 25-30); inventar um nome novo para as figuras é um gesto elementar, infantil, e assim também redentor, que lhes abre a possibilidade de serem felizes. O mesmo acontece com outras metamorfoses da matéria do mundo: com a *bi-humanidade* de Aossê<sup>7</sup>, por exemplo, ou com Nietzsche de bigode e de cabeleira rapados, ou com o ‘renascer’ do corpo para a cabeça de Müntzer, da poeira, por Ana de Peñalosa, ou com a perda ou ganho do Dom de Sebastião.... O que aqui está em jogo não é propriamente uma preocupação com a História destes nomes, ou com a memória do seu verdadeiro ou real destino, mas sim com uma certa inflexão na perspectivação da matéria no texto, que a torna leve de destino (sem condenação nem fim apriorísticos), ao mesmo tempo que “grávida” de sentidos ainda desconhecidos, digamos; há uma enorme potenciação do pensamento a partir do que acontece no texto, no devir do texto, e não do que se pretende aprio-

---

<sup>7</sup> Cf. Rodrigues (2006: 59ss.), onde se fala em específico da *bi-humanidade* de Aossê como um paradigma da recepção em Llansol.

risticamente que aconteça no texto. Não admira, pois, que o próprio sujeito de enunciação no texto llansoliano surja esbatido, volátil, fugidio, ante as vozes e corpos que assomam no texto:

Substituindo uma teoria do sujeito forte, centro semântico organizador do texto, por uma compreensão do sujeito como lugar vazio onde se confunde a identidade do ‘espaço Llansol’ com figuras em mutação, o texto llansoliano subordina a teoria epistemológica ao primado da ética: a inquirição do eu só é possível pela sua relação com o outro. A descoberta do objecto ou do outro sujeito implica sempre diferença e estranheza.

(Eiras, 2005: 592)

O esvaziamento do sujeito no texto llansoliano liga-se, num outro patamar, ao desejo de “deixar de ser autora” expresso em *Lisboaleipzig 2. O ensaio de música* (L2: 21), que radica na não imposição de um Eu-com nome ao mundo, convocando as próprias figuras a escreverem, fixando-se no texto, pela sua voz e presença, como sinais da recepção llansoliana; este desejo parece entrar em rota de colisão com o próprio texto, cujo *ser* só o é em função de quem o escreve. Ainda assim, mudar do papel de ‘autora’ para o de ‘escritora’ – ou *escrevente*, na terminologia llansoliana – não só é possível, como abre o acto de escrita à troca, à abertura sem certeza<sup>8</sup>. Procura-se, com a contaminação da voz do texto por outras vozes, realizar uma fala *circular* (L2: 21), como o Texto (que é figura em L2) acaba por descobrir na forma de Aossê dialogar com Bach (L2: 21-24): uma fala onde mais do que uma voz está presente, e onde o conjunto das vozes consegue perfazer o pensamento que se tem e se dá a partilhar. Em L2, o Texto fala-nos do “diálogo circular” de Aossê, que “tece e sustenta o espaço interior de toda a humanidade”, e “capta, num só e único texto contínuo e simultâneo, uma multidão” (L2: 23, citação adaptada). Pela forma fragmentária e singular do texto llansoliano, é óbvio que a fala *circular* se realiza exemplarmente aqui, tendo o texto a generosidade de nos indiciar que é isso que faz, dando-lhe um nome e remetendo o gesto des-

<sup>8</sup> Pedro Eiras descreve na intertextualidade praticada pelo texto llansoliano também o seu poder de desconstruir o próprio conceito de autor (2005: 582).

pojadamente para a boca de uma das suas figuras, num tributo que acaba por prestar a Fernando Pessoa e à sua *multidão* de vozes. Esta é também a ironia e a lucidez do texto llansoliano a operarem na sua auto-reflexão.

Pelo que se acaba de descrever, a recepção em Llansol prima por uma singular prática da hospitalidade e da atenção ao outro, de ordem modal (como se recebe no texto?), e também de ordem temática (o que é recebido no texto?). No modo, ela encontra-se na modalidade temporal do gerúndio que subjaz ao encontro de textos, de vozes e de figuras: no encontro, todos os estes elementos estão sendo, predispondo-se à metamorfose que daí advém. Não há uma entidade pré-formada que recebe outras, de perfil igualmente acabado (mesmo que já transformado), mas sim entidades em devir que se encontram e trocam dons entre si, sem finalidade evidente, sem saberem até onde o encontro os levará e que transformação irão sofrer. Por este motivo, a forma de se estar no texto de Llansol é *desmemoriada* (termo que surge particularmente trabalhado em JLA), porque tanto a memória histórica das figuras convocadas no texto, como a memória que, no texto, delas se constitui, são formas esbatidas, pálidas de cor, não se impõem como enunciado ficcional alternativo ao temporal; por isso, também, os traços que podemos isolar de figuras como Gabriela, ou Nietzsche, ou Espinosa, ou Hölderlin, ou Aossê, ou João da Cruz (para citar alguns) só têm 'validade' no texto que as faz encontrar, pois esse encontro é que faz a matéria ou seiva de que passam a ser feitas.

No tema, somos levados a alargar substancialmente o leque da matéria histórica recebida no texto, pois a metamorfose que constatamos no texto de Llansol não recai somente sobre estas, mas sobre (muitas) outras figuras que podem não ter voz falante nem ser humanas, mas que se inscrevem numa mesma prática relacional. Há, no texto de Llansol, todo um mundo figural heterogéneo, que resulta, ele próprio, da postura de recepção cultivada neste texto. O texto acolhe não só o histórico, mas o temporal alargado, procedendo a uma figuração que contempla os seus objectos de forma não preconceituosa, mas afectiva – é uma inaudita capacidade de afecção (de índole espinosiana) o que está na base desta abertura do texto à matéria que acolhe. Assim, na voz plural que constitui a malha do texto llansoliano estão compreendidas também figuras não humanas, e o *corpus* acolhido no texto, textual ou não, é tratado com

uma mesma atenção que pretende dar voz não só aos esquecidos ou ignorados da história, os rebeldes e os pobres da chamada *restante vida* (a que as primeiras trilogias de Llansol se votam), mas à vida que resta para além do humano sem voz, e que é um mundo imenso de matéria emudecida pelo domínio verborreico e ruidoso do homem (que é cada vez mais presente nos títulos surgidos após o projecto *Lisboaleipzig*<sup>9</sup>). Em *O Senhor de Herbais* (SH: 51ss.) é deste mundo que se fala quando, a propósito de Hölderlin, se descreve um “rumor” que pede à voz do poeta para se não perder, e que é a “áspera matéria do enigma” de onde todo o texto parte (OVDP: 10).

A prática discursiva llansoliana, que é obviamente da ordem do literário, não se basta à efabulação ou poetização, para se firmar antes como testemunho de uma significação que é anterior ao próprio signo, ou à forma poética que a contém, na acepção de Levinas (2000: 183ss.). Como é que o texto se revela testemunho? Consideremos o seguinte passo:

Sempre tive a impressão que o pensamento não é, mas se encontra em determinados sítios \_\_\_\_\_ nas relações, e na paisagem.

Entre nós, neste momento intermediário, está o livro que, com estes apontamentos, já voa a escrever; quem voa, trabalha para tornar mais complexa, e aberta, a natureza. Textualizando, um elo prende-se, até que um outro peregrino o acrescente.

(L1: 39)

Nesta citação está objectivamente contemplado um aspecto da recepção llansoliana que merece especial atenção: a voz do texto de Llansol não se limita a acolher vozes outras, também pede para ser por elas acolhida. E o modo de instaurar este diálogo, sem cair no discurso monológico que se afigura como o único possível (dada a ausência empírica dos outros nomes históricos), é fazer aparecer os enunciados dessas vozes no texto, integrá-los na malha do texto, pelo exercício da citação e da cópia, por vezes claras, por vezes já transformadas pela voz do eu, por vezes exactas, mas não facilmente

<sup>9</sup> A obra *Lisboaleipzig* está disposta em dois volumes: *Lisboaleipzig 1. O encontro inesperado do diverso* (L1) e *Lisboaleipzig 2. O ensaio de música* (L2).

isoláveis. A voz segunda, terceira... aparece efectivamente Outra no texto, realizando-se assim o diálogo entre pares que partilham um só pensamento – por isso, o pensamento não é, no sentido levinasiano (por seu turno suportado no *cogito* cartesiano), ou seja, o pensamento não é a manifestação absoluta do Eu que o tem, mas a matéria que está sempre para além dos vários Eus, cabendo-lhes *encontrá-la* e *textualizá-la*. O pensamento não é, porque só o Eu que o pensa pode ser. *Encontrar* o pensamento é colocar-se a ser no pensamento e pelo pensamento, ainda no sentido que Levinas lhe dá. *Encontrar* o pensamento significa predispor-se a ser com o outro, e portanto a ser *peregrino*: o eu é, nesse sentido, a demanda do pensamento, o ser extraordinário a esse caminho, sempre estranho a si próprio e ao outro. *Textualizar* o pensamento não é passar a conhecê-lo, a tê-lo, mas simplesmente firmar um lugar de elo, uma marca de experiência da demanda e do encontro com o outro, firmando, assim, o ser-se Eu. O pensamento *há*, o eu *peregrina* no seu encalço. A propósito de LC, lemos:

Copiar. Copiar é um acto fundamental, porque é fundamental que a mão se meta no pensamento, e é fundamental que a mão siga as linhas da paisagem, siga as linhas do percurso amoroso, siga as linhas do ensino. A cópia é uma forma real de aprendizagem porque coloca directamente ao conhecimento.

Mas trata-se aqui de uma cópia que evidentemente é como um tremeluzir sobre o que está escrito em primeiro lugar. Portanto, não é copiar de uma maneira exacta e rigorosa sobre o traçado que já está sendo elaborado, mas é uma espécie de enervamento, de tremeluzir, que deixa imensa brecha, passar conhecimento, eu diria, criar o conhecimento próprio de quem está copiando.

(“Dizer com o ‘Lugar 1’  
de O Livro das Comunidades”: 17)

Ao copiar, ao citar, Llansol predis põe-se a ler de novo o texto que retira da estrutura histórica e da memória que habita originalmente, como se essa

fora a primeira leitura de conhecimento<sup>10</sup>. Llansol olha para o objecto que copia sem o conhecer realmente, aguardando com paciência que o seu corpo, pela a mão que copia, lhe dê o conhecimento que surge desse exercício mecânico que o torna inteligente. Na cópia, a ligação de palavra e imagem, pela experimentação da forma das palavras, liga-se obviamente à relação íntima e fundamental entre signo e significação, à viabilização, pela poesia, desse elo fundamental existente nas escritas arcaicas e hieroglíficas, mas perdido na Babel das línguas – não que se deseje fundar, de novo, esse equilíbrio original, num exercício escapista; a questão passa antes pelo imperativo de combate à *impostura da língua*, um dos lugares de pensamento mais recorrentes e trabalhados pelo texto llansoliano, de que Témia (ou *a rapariga que temia a impostura da língua*) é a figura maior.

A citação e a cópia são, antes de mais, um factor de instabilidade ficcional no texto de Llansol: ao citar, o texto deixa entrar um plano de reflexão incontornável, que quebra com a cumplicidade entre autor e leitor, esperada pelo leitor desprevenido. Com a citação, i) assistimos à assimilação integradora das fontes citadas, que obriga, desde logo, à erosão da temporalidade que as mesmas contêm; ii) percebemos um sinal da errância, da deriva do próprio texto que acolhe o texto-outro<sup>11</sup>; iii) torna-se evidente o estranhamento entre os textos, diversos entre si e a partir do contexto histórico de onde vêm, e que, a par de outros factores, leva Pedro Eiras (2005: 629ss.) a defender o dialogismo do texto de Maria Gabriela Llansol; iv) opera-se uma expansão, ou amplificação inaudita no próprio texto, no acolhimento que dá a vozes alheias, amplificação

---

<sup>10</sup> Em OVDP: 144 encontramos outro testemunho significativo sobre a importância da cópia no texto de Llansol. Já antes, no mesmo livro, somos confrontados com a expressão “cópias da noite” (OVDP: 15) para designar o texto e a escrita, numa óbvia amplificação da noção de cópia no texto de Llansol à escrita na sua acepção poetológica.

<sup>11</sup> Sobre o sentido da errância no texto de Llansol, Silvina R. Lopes (1988: 23-38) fala-nos de uma “capacidade de dispersão” a vários patamares da leitura de um texto – a errância da voz (desdobrada em vozes várias, citando algumas delas), do Eu (diluído na sua autoridade, perdido de si e procurando-se no outro), do outro citado (também desprovido da sua autoridade, tornado errante e acolhido no texto), na chamada “destinação da escrita”, do sentido / significado das palavras; também se fala da errância / exílio e do bilinguismo, e no fragmento como a forma acabada da dispersão, e portanto da perda de perspectiva enquanto gesto de “desposseção da escrita”.

esta que se revê no acto de leitura, ao motivar, também, a leitura de textos-outros. De facto, a voz do texto confronta-nos repetidamente com citações ou paráfrases de outras vozes presentes no texto, num gesto quase involuntário, compulsivo, de lhes dar o lugar da enunciação, ou de se calar ante a sua voz, como quem *constrói o silêncio à sua volta*:

Alguns fios soterrados são trazidos à luz, e ‘esclarecem-se’ fragmentos de escrita comum. [...] Creio que é uma dádiva muito grande que se faz ao texto de um outro: construir-lhe silêncio à volta.

Por estas e muitas outras experiências, vão-se revelando *textos escritos em aberto*, dispostos a dialogar com o meu a abrir-se.

(“O Espaço Edénico” [EE]: 152-153)

Mas há ainda uma outra dimensão da citação e da cópia no texto llansoliano, aquela que é feita da citação de lugares, objectos, cenas, quadros, fenómenos da empiria. Falamos aqui, também de citação porque tais objectos (*lato sensu*), tornados presentes pela sua citação no texto, têm uma força interpelativa tal, que quase ganham corpo de figura. Esta segunda dimensão da citação na obra de Llansol é, na actividade intertextual a que assistimos recorrentemente, um interessante motor de coesão da obra llansoliana.

Pela cópia, ou citação, seja de outros textos no seu texto, seja dentro do próprio texto, seja do vasto mundo empírico, Llansol define como re-escrita a condição *sine qua non* do seu escrever e do seu pensar. O re-escrever não implica a ruptura, mas uma escrita cada vez mais ‘limpa’, a cada ensaio de cópia, uma escrita feita de um esboço tornado entretanto demasiado ruidoso; falamos de esboço porque de facto nada no texto de Llansol, nem sequer o texto-outro aí citado, é dado como findo ou acabado, fechado sobre si próprio e impenetrável. Quando dizemos que Llansol re-escreve a história, a sua pretensão não é de facto essa, esse é mais o efeito desta re-escrita em nós, que partimos para a leitura do texto llansoliano de uma percepção demasiado temporalizada da vida, ou do plano já escrito da História, desde, talvez, o molde dos textos homéricos e bíblicos. Esta noção de re-escrita vai curiosamente ao encontro do que Aleida Assmann diz ser o fenómeno de “re-leitura” que se tem vindo a constatar na história recente da hermenêutica, como movimento de inversão politizada do discurso estabelecido e aparentemente

inabalável do cânone. Assmann descreve da postura do crítico recente, que na sua re-leitura da história tende a falar dos que a História calou, ou marginalizou (1996: 16-17). Se no re-escrever llansoliano dos primeiros livros, sobretudo nas duas primeiras trilogias, podemos falar do dar voz aos rebeldes que a história marginalizou, o que prevalece na escrita de Llansol, e se encontra já na voz dos rebeldes desde LC, é o acto de pensar também pelo re-escrever que é citar ou copiar, ou seja, o escrever de novo, outra vez, acrescentando algo, no sentido que acima se descreve a propósito do pensamento que não é, mas que se *encontra* e *textualiza*: “Folha que desceste à minha alma, não regreses para de onde vieste sem outra folha” (*Finita* [F]: 161).

Ao ver LC como uma “apocatástase profana”, João Barrento aponta precisamente para o movimento de resgate da coisa da história que a abafa para, pela sua cópia ou citação no texto, a transformar: “copia-se, a experiência tem que passar pela mão, e, ao passar, transforma-se” (2008, p.150). A erosão temporal que se faz no texto llansoliano transporta em si o efeito voraz de *des-memorar* (JLA) as figuras e o próprio devir, dando o espaço à simultaneidade de que é feito (FP 132-133), e fazendo das figuras em devir a manifestação do seu dom elementar, o seu paradigma ou arquétipo, digamos: falamos da simplificação dos gestos e dos traços, libertos do peso da memória histórica, que significa, também, o adensar da matéria-prima, cuja rudeza traz consigo sempre o belo, mas também um não saber lidar com ele, que intimida. Daí o desconforto do texto de Maria Gabriela Llansol, despido de explicação, porque sobretudo inaugural, ‘espaço’ que pertence sobretudo à matéria, à coisa que o habita – o espaço-tempo do texto llansoliano chama-se imanência, ou:

Tempo em branco, receptivo ao tempo  
e aos amigos – os objectos, os gatos, Jade, as plantas, Prunus Triloba, os tecidos, os sons, os cheiros, as crianças, os homens pobres e os homens criativos, la flèche, belle plume à écrire. Volto a ficar esta noite de vigília, fora do meu lugar habitual de dormir para que, mesmo os meus sonhos, durante a noite, sigam esta corrente.

(F: 93-94)

A tipologia atemporal do texto de Llansol, fixada de forma fundadora por Silvina Rodrigues Lopes (1988: 47-54), inscreve-se na erosão da história e seus precedentes, para, no seu lugar, instaurar a experiência sem precedentes (Barrento 2008: 152): é neste sentido, também, que o texto nos fala de *textualizar*, não só no passo citado acima sobre o pensamento, mas como nomenclatura alternativa à narratologia (L1: 116-123). O texto de Maria Gabriela Llansol deixa de se enquadrar na expectativa narratológica de receber um outro – que é objecto de transformação pelo sujeito previamente determinado, submetendo-o à ordem espaciotemporal que o acolhe –, para se determinar como o ponto de encontro de várias vozes indiferentes ao tempo e ao espaço de onde vêm, apontando todas para uma experiência *comum* que as transforma, a elas e à sua memória estanque, tornada um discurso mútuo: “O mútuo é aí a substância mesma da repetição na diferença” (Barrento 2008: 150).

Na primeira nota do “Perílogo” de SH reencontramos algumas das figuras de LC, convocadas por Spinoza, que na cena atravessa os instantes finais da sua vida (SH: 243-245). Spinoza, mal “reconhece” os que chegam à casa de Herbais, apressa-se, em tom testamentário, a designar a sua herança no pouco tempo de vida que lhe resta. O que descreve esta figura são os elementos soltos que ela habita, digamos: os papéis da sua escrita, o seu saber, o seu património de “companheiros filosóficos” distribuído pelos princípios activos da “eternidade”, da “firmeza”, da “generosidade” e da “santidade”. Com o apelo “entrem, entrem, é urgente” (repetido três vezes) a cena ganha solenidade e transforma-se num ritual de partilha e de comunhão, em que Spinoza vai ditando os termos da urgência (“haveis de”, “precisais de”). Ao mesmo tempo, o lugar da cena ganha corpo pelas curtas menções à casa de Herbais como o ponto de encontro de muitos “caminhantes”. Os companheiros de Spinoza convocados aqui vão sendo também pontualmente descritos, numa revisitação a LC (o bigode de Nietzsche, a cabeça de Müntzer, a escrita levitante de João da Cruz...). A comunhão e o entendimento entre todas as figuras aqui convocadas é desde sempre e não precisa de contextualização nem de legitimação: no gesto de “reconhecer” radica uma comunicação não verbal, não linguística, comum à relação entre os seres no mundo, pois sediada na partilha de algo comum: o pensamento e o afecto.

O testamento de Spinoza fala da urgência em se “inventar uma estética literária para a geometria” dos seres (SH: 243), traçada por Espinosa no seu *Tratado da Reforma do Entendimento*, mas sobretudo na sua *Ética*. Maria Gabriela Llansol assume esta tarefa na sua escrita, e o modo como nos é comunicado este intento – deslocado para a cena imaginada de um homem moribundo que lega a sua herança – não se basta a jogar com os vários planos da escrita literária, comumente conhecidos: o plano de quem escreve e a sua mundividência, a concretização na escrita literária desta mesma mundividência, pelo exercício da efabulação. Mais do que efabular sobre o propósito do seu próprio texto, Llansol mostra-nos e afirma aqui um modo muito singular de receber todo um *corpus* que lhe pré-existe e lhe pede “que a escrita não [o] perca de memória” (JLA: 56), assumindo-o como tarefa urgente e despojada. Por ser um gesto de suspensão do tempo e do espaço vivenciais, a escrita tende a salvar, qual memória, tudo o que, existindo, corre sempre e irremediavelmente o risco de vir a ser esquecido; mas o que significa aqui *não perder de memória*? Num jogo subtil de palavras que nos faz confrontar esta com essa outra expressão – ‘perder a memória de...’ –, afirma-se aqui não a promessa de se guardar algo na memória do texto, como numa colecção, mas a intenção esperada de escrever uma lembrança dinâmica, um velar<sup>12</sup> que, uma vez escrito, é um objecto pensante, comunicante, que interpela quem o lê, e não um objecto mortificado, cristalizado na escrita. *Não perder de memória* significa atender à potência do ser em cada ser, preservá-la, exprimindo-a no texto.

“A última vontade, testamento, livro, é o que fica do morrer: o morrer que se eterniza em sobrevivência. Texto que fica em aberto, [...] que faz apelo a outros textos de uma comunidade de textos, a uma memória fluida onde os limites individuais se diluem e as diferenças se interpelam” – distinguindo esta ideia de testamento de uma outra que igualmente lhe pertence e lhe é contrária (a da “propriedade que se exhibe”), Silvina R. Lopes (1988: 104) fala do testamento a propósito da obra de Llansol, indo ao encontro desta mesma noção des-possuída de um bem que antes de mais se sente como comum. Spinoza é, na cena em que lega os seus bens, uma figura de transmissão e de

---

<sup>12</sup> “Há um não-vê que vela pelo vivo.” (SH: 210).

partilha despojadas de todo um pensamento, e o sujeito de enunciação, o Eu narrador (que aqui podemos também conotar com Llansol) está entre os caminhantes que se encontram à entrada da casa de Herbais e que recebem esse pensamento de natureza partilhável, dando-o a partilhar, no gesto da escrita, junto de quem caminha e ainda ali não chegou (SH: 244-246). O pensamento legado não se mantém o mesmo, mas mantém-se comum e mútuo, amplificado a várias vozes e, uma vez habitando nelas, retorna sempre à eternidade da qual parte para chegar à voz – uma vez suspenso do tempo e do espaço em que é gerado, e portanto ‘salvo’ de um determinismo que o condenaria ao esquecimento.

Este é o sentido do testamento na obra de Llansol, e a experiência da herança tem a ver também com uma postura singular – lembremos, por exemplo, os muitos passos no texto llansoliano em que se fala dos objectos<sup>13</sup> herdados (por exemplo, em F<sup>14</sup>, ou em UBDMT, quase uma constante), e a relação com eles estabelecida, a partir do afecto (os que se prefere, os de que se gosta, os que se impõem...), a partir da sua qualidade (os que falam dos perdidos, vencidos, os que são dispersos, quebrados...), e da sua interpelação (os que trazem mistério, os que são enigmáticos, os que se revelam luminosos, dando a ver...). Esta relação com os objectos ajuda-nos a perceber melhor o sentido do “reconhecer” a que assistimos na cena testamentária de Spinoza – aí radica uma forma de agir que associamos à anamnese platónica (Platão 2005, [191-193]: 280-286; 1992, [80-86]: 69-95), e sobretudo à aprendizagem do ser-com-o-outro que tem a ver com o reconhecimento e a recolha, ou congregação, dos objectos espalhados e díspares. Santo Agostinho, nas suas *Confissões*, fala-nos disso mesmo a propósito da memória:

---

<sup>13</sup> Em *Parasceve. Puzzles e Ironias* [PPI] os objectos são verdadeiros esteios para a mulher, sua figura central, proceder ao seu “voto de decepção” e confrontar-se com a sua memória: o vaso das aspidistras, a estatueta de madeira, e depois os objectos que a acompanham com mais regularidade, como o lápis, a parede, a luz.... Este é um outro nível de elaboração sobre os objectos em Maria Gabriela Llansol, onde o olhar se concentra quase obsessivamente em alguns objectos para, na relação com os mesmos, fazer a sua travessia. Nesta linha está também a estatueta que, em UBDMT, ganha o nome de “Ana Ensinando Myriam a Ler”, e que se associa à figura de Témia e ao seu combate contra a “impostura da língua”; ou a Bilha, em *O Raio sobre o Lápis* (RL: 51-53).

<sup>14</sup> Em F lemos: “Eu sou uma família, receberei muito mais do que o deve e o haver.” (F: 224); o registo do dia 25 de Dezembro de 1975 é também significativo (F: 88-90).

aprender é “recolher”, com o espírito, pelo pensamento, “como que de uma espécie de dispersão”; Santo Agostinho joga depois com a palavra *cogitare* e outros termos latinos que têm a ver com este, entre os quais, colher / recolher (*cogere*), agir / actuar (*ago / agito*), fazer (*facio / facito*), recolher (*conligitur*), e juntar (*cogitur*) (2001: [XI, 18] 246). “Reconhecer” é travar uma determinada dispersão (esta é, aliás, a dinâmica da escrita diarística de Llansol, sobretudo em F e em FP), congregando os objectos e assegurando a sua eternidade: Spinoza fá-lo com o seu testamento, fazendo eco do que o ‘outro’ Espinosa realiza no *Tratado da Reforma do Entendimento*, ao libertar o “entendimento” da “memória” e do “olvido” (1987: [81-83] 74-76), tidas aqui como corpos estanques e limitadores do verdadeiro entendimento da natureza das coisas. O congregar do disperso, de natureza também diversa, dá-se na obra de Llansol no desejo de viver a partir de uma certa *mutualidade*, feita da troca ou permuta de singularidades, o desejo da não dispersão, de vivência do que é comum e afim, a partir da sua diversidade: “Há um resto que foi deixado e que, sob a forma do **mútu**o, se enuncia.” (F: 46). Só esta mutualidade relacional é válida no texto, que a não quer perder de memória, a haver uma memória textual em Llansol.

Por tudo o que até agora se disse, há uma necessária e incontornável convergência entre a recepção e a figuração da matéria no texto: figurar é uma forma de receber, e receber só é entendível em toda a sua extensão pela figuração<sup>15</sup>. Porque, ao receber outros nomes e textos, com gestos tão simples como a cópia e a citação da sua voz, ou pelo diálogo que por eles tem lugar, o texto dispõe a matéria da sua própria reflexão pelas vozes outras que acolhe em si, e pede ao seu leitor que com ele reflecta. O próprio texto mostra a consciência que tem da sua vocação e natureza imagéticas, mas também da potência de pensamento que estas contêm: a imagem llansoliana contém sobretudo o pensamento que a gera, e que vem, reversivelmente, de um modo afectivo de estar no mundo.

---

<sup>15</sup> Falamos de *figuração*, pois no texto llansoliano assistimos à contínua transformação da matéria em figura. A reflexão sobre esta espécie de corpo activo e mutante que é a Figura llansoliana está feita pelo próprio texto de Llansol (em FP: 130-131 e em L1: 142-143), mas também em textos entretanto surgidos no seio dos estudos llansolianos (Barrento 2008: 45-57; Barrento [org.] 2009).

O afectivo em Llansol tem um nome: o *amor ímpar* impera como postura relacional dos seres no texto, o seu modo *libidinal* do ser-com, que tem em *Contos do Mal Errante* [CME] uma das mais apuradas realizações poéticas, na efabulação do encontro libidinal entre Hadewijch, Copérnico e Isabôl<sup>16</sup>: “o número ímpar estabelece que **há partes que não têm parte**” (CME: 181). O amor no texto de Llansol é outro nome para o caminho sem finalidade, é um amor sem objecto, pobre de posse, receptivo por princípio, “uma relação de perda, apelo que atrai os amantes para o vazio de si, hipótese de renovação. Do lugar de uma possessão mútua à despossessão.” (Lopes 1988: 109). Esta “subjectividade plena” levinasiana, esta “despossessão” eckhartiana, fazem do amor em Llansol a manifestação afectiva de um ser que só é em resposta ao outro, em função do outro, do seu “justo apelo” (FP: 130):

Perguntar *quem sou* é uma pergunta de escravo; perguntar *quem me chama* é uma pergunta de homem livre.

(FP: 130)

[...] só o escravo pergunta quem é; o homem livre segue quem o chama, segue, mas não pertence à voz que o chama.

(EE: 151)

Na expressão *amor ímpar* está incluído um terceiro elemento que nega, objectivamente, a relação dual e binária, mas que, ao fazê-lo, inclui não uma terceira voz em particular e com nome próprio, mas o terceiro diverso, vários, que pode assumir mais do que uma forma possível (Gusmão 2004: 290). O texto, o corpo testemunhal da recepção, cumpre com a relação a três de que temos vindo a falar, sendo o lugar de afectos trocados de múltiplas maneiras, entre figuras muito diversas, humanas e não humanas, entre as figuras e o texto que lhes dá o corpo figural, entre o texto e a sua figura narradora, entre o texto e o plano empírico do seu escritor e do seu leitor.

<sup>16</sup> Eduardo Prado Coelho aponta precisamente para o fundamento relacional espinosiano no texto llansoliano, ao dizer que as relações afectivas em CME estão “fora de qualquer rumor ou crepitação psicológica” e ao descrever o que chama “a lógica inhumana das quantidades atractivas e móveis”, baseada na lei da atracção ou repulsa entre os corpos (1988: 107).

A recepção nos textos de Maria Gabriela Llansol alicerça-se, em suma, i) no imperativo do desejo (e não da necessidade), concretizado no modo afectivo de relacionamento; ii) na resposta a um apelo (e não o preenchimento de um vazio); iii) na não finalidade e na não posse (em vez da imposição de si ou da posse como fim), que predispõe as partes do encontro à metamorfose; iv) na permuta (e não na assimilação) de dons, pela física da afecção espinosiana, entre seres que nunca se excluem mutuamente, nem desaparecem no outro que encontram, mas se mantêm singularidades sem identidade, projectadas numa substância infinita:

Abordar Outrém no discurso é acolher a sua expressão onde ele ultrapassa em cada instante a ideia que dele tiraria um pensamento. É, pois, receber de Outrém para além da capacidade do Eu; o que significa exactamente: ter a ideia do infinito.

(Levinas, 2000: 38)

## Bibliografia

### *Obras de Maria Gabriela Llansol*

- LC *O Livro das Comunidades*, Lisboa: Relógio d'Água, 1999 [1977].
- CA *Causa Amante*, Lisboa: Relógio d'Água, 1996 [1984].
- CME *Contos do Mal Errante*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2004 [1986].
- RL *O Raio sobre o Lápis* (Lisboa/Bruxelas, Comissariado Europeia, 1990. Com desenhos de Julião Sarmento; 2ª ed. Assírio & Alvim, 2004)
- UBDMT *Um Beijo Dado Mais Tarde*, Lisboa: Rolim, 1990.
- L1 *Lisboaleipzig 1. O encontro inesperado do diverso*, Lisboa: Rolim, 1994.
- L2 *Lisboaleipzig 2. O ensaio de música*, Lisboa: Rolim, 1994.
- OVDP *Onde Vais, Drama-Poesia?*, Lisboa: Relógio d'Água, 2000.
- PPI *Parasceve. Puzzles e Ironias*, Lisboa: Relógio d'Água, 2001.

- SH *O Senhor de Herbaus. Breves ensaios literários sobre a reprodução estética do mundo, e suas tentações*, Lisboa: Relógio d'Água, 2002.
- JLA *O Jogo da Liberdade da Alma*, Lisboa: Relógio d'Água, 2003.
- FP *Um Falcão no Punho. Diário I*, Lisboa, Relógio d'Água, 1998 [1985].
- F *Finita. Diário II*, Lisboa: Assírio & Alvim, 2005 [1987].
- “Dizer com o ‘Lugar 1’ de *O Livro das Comunidades*”, in *À Beira do Rio da Escrita*, JADE - Cadernos Llansolianos 1, ed. Grupo de Estudos Llansolianos, Lisboa-Sintra, 2004 (2001), pp.12-26.
- EE “O Espaço Edénico”, [entrevista a João Mendes, publicada no *Jornal Público* em Jan. 1995] in *Na Casa de Julho e Agosto*, 2ª ed., Lisboa: Relógio d'Água, 2003 [1984], pp. 139-168.

### *Outras obras*

- AGAMBEN, Giorgio (2006), *Profanações*, trad. Luísa Feijó, Lisboa: Ed. Cotovia.
- AGOSTINHO, Santo (2001), *Confissões*, trad. Arnaldo do Espírito Santo *et al.*, introd. Manuel Barbosa da Costa Freitas, notas M. Costa Freitas *et al.*, Lisboa: Impr. Nacional-Casa da Moeda.
- ASSMANN, Aleida (1996), “Einleitung: Metamorphosen der Hermeneutik”, in *Texte und Lektüre*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, pp. 7-26.
- BARRENTO, João (2008), *Na Dobra do Mundo. Escritos Llansolianos*, Lisboa: Mariposa Azual.
- BARRENTO, João [org.] (2009), *O que é uma Figura? Diálogos sobre a Obra de Maria Gabriela Llansol na Casa da Saudação*, Lisboa: Mariposa Azual.
- COELHO, Eduardo Prado (1988), “Gabriela Llansol: o amor ímpar”, in *A Noite do Mundo*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pp.104-108 [*Expresso* (Revista), 13 de Dezembro 1986].
- EIRAS, Pedro (2005), “Maria Gabriela Llansol: *Lisboaleipzig*”, in *Esquecer Fausto. A Fragmentação do sujeito em Raul Brandão, Fernando Pessoa, Herberto Helder e Maria Gabriela Llansol*, Porto: Campo das Letras, pp. 533-677.

- ESPINOSA, Bento de (1987), *Tratado da Reforma do Entendimento e do Caminho para chegar ao Verdadeiro Conhecimento das Coisas* [ca. 1661], ed. bilingue, trad. Abílio Queirós, col. Textos Filosóficos, Lisboa, Ed. 70.
- ESPINOSA, Bento de (1992) *Ética*, introd. e notas de Joaquim de Carvalho, trad. de Joaquim de Carvalho {Parte I}, Joaquim Ferreira Gomes {Partes II e III}, e António Simões {Partes IV e V}, Lisboa: Relógio d'Água.
- GUSMÃO, Manuel (2003/05), “A história e o projecto humano (Que quer dizer o texto quando diz *O que o texto tece advirá ao homem como destino*)”, *Ariane*, nº 18-20 (*Cartographies. Mélanges offerts à Maria Alzira Seixo*), Lisboa: Faculdade de Letras, pp. 119-138.
- GUSMÃO, Manuel (2004), “O Amor ímpar ou o terceiro incluído (fragmentos de uma leitura)”, posfácio a *Contos do Mal Errante*, de Maria Gabriela Llansol, Lisboa: Assírio & Alvim, pp. 273-290.
- LEVINAS, Emmanuel (2000), *Totalidade e Infinito*, trad. de José Pinto Ribeiro, Lisboa: Ed. 70.
- LOPES, Silvina R. (1988), *Teoria da Des-posseção. Ensaio sobre textos de Maria Gabriela Llansol*, Lisboa: Black Sun.
- PLATÃO (2005), *Teeteto*, trad. Adriana Manuela Nogueira, Marcelo Boeri, pref. José Trindade dos Santos, Lisboa: Fundação C. Gulbenkian.
- PLATÃO (1992), *Ménon*, trad. e notas de Ernesto Rodrigues Gomes, introd. José Trindade dos Santos, Lisboa: Colibri.
- SANTOS, Maria Etelvina (2008), *Como uma pedra-pássaro que voa. Llansol e o improvável da leitura*, Lisboa: Mariposa Azul.







## COMISSÃO CIENTÍFICA PARA O X CONGRESSO DA AIL

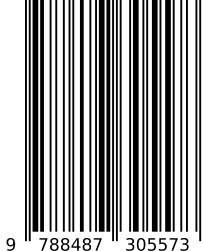
<b>Instituição</b>	<b>Nome</b>
Universidade de Lisboa	Alberto Carvalho
Universidade do Algarve	Ana Carvalho
Universidade do Algarve	Ana Clara Santos
Universidade de Lisboa	Ana Mafalda Leite
Universidade Estadual de Santa Cruz	André Mitidieri
Universidade de Varsóvia	Anna Kalewska
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Annabela Rita
Universidade do Algarve	Artur Henrique Gonçalves
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Beata Cieszyńska
Universidade de São Paulo	Benjamin Abdala Junior
Universidade Católica	Cândido Oliveira Martins
Universidade do Algarve	Carina Infante do Carmo
Universidade de Santiago de Compostela	Carmen Villarino
Universidade de Colónia	Claudius Armbruster
Universidade de Coimbra	Cristina Robalo Cordeiro
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Fernando Cristóvão
King's College London	Hélder Macedo
Universidade da Madeira	Helena Rebelo
Universidade de São Paulo	Hélio Guimarães
Universidade de São Paulo	Ieda Maria Alves
Universidade do Porto	Isabel Pires Lima
Universidade do Algarve	João Carvalho

Universidade do Algarve	João Minhoto Marques
Universidade do Algarve	Jorge Baptista
Universidade de Lisboa	José Camões
Universidade do Algarve	José Dias Marques
Universidade de Lisboa - CLEPUL	José Eduardo Franco
Universidade Estadual do Rio de Janeiro	José Luís Jobim
Universidade Federal Fluminense	Laura Padilha
Universidade Federal de Minas Gerais	Letícia Malard
Universidade Federal Fluminense	Lucia Helena
Universidade do Algarve	Lucília Chacoto
Universidade do Algarve	Manuel Célio Conceição
Universidade Federal de Rio Grande do Sul	Márcia da Glória Bordini
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Maria José Craveiro
Universidade de Lisboa - CLEPUL	Miguel Real
Universidade de São Paulo	Mirella Vieira Lima
Universidade do Algarve	Mirian Tavares
Brown University	Onésimo Almeida
Universidade do Algarve	Petar Petrov
Universidade de Coimbra	José Pires Laranjeira
Universidade de Santiago de Compostela	Raquel Bello Vázquez
Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Regina Zilberman
Universidade de Coimbra	Sebastião Pinho
Universidade Federal do Rio de Janeiro	Teresa Cerdeira
Universidade Nova de Lisboa	Teresa Lino
University of Oxford	Thomas Earle





Este livro da  
Associação Internacional de Lusitanistas  
acabou-se de imprimir nas oficinas que a  
Sacauntos Cooperativa Gráfica  
tem na cidade de Compostela,  
Galiza,  
o dia 2 de abril de 2012.



9 788487 305573

## Avanços em...

Literatura e Cultura Portuguesas. Da Idade Média ao século XIX  
Literatura e Cultura Portuguesas. De Eça de Queirós a Fernando Pessoa  
*Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 1*  
Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 2  
Literatura e Cultura Portuguesas. Século XX. Vol. 3  
Literatura e Cultura Brasileiras. Séculos XV a XIX  
Literatura e Cultura Brasileiras. Século XX. Vol.1  
Literatura e Cultura Brasileiras. Século XX. Vol. 2  
Literaturas e Culturas Africanas e em Literatura e Cultura Galegas  
Comparatismo nas Lusofonias  
Ciências da Linguagem

[www.lusitanistasail.net](http://www.lusitanistasail.net)



**AIL**

**FCT**  
Fundação para a Ciência e a Tecnologia  
www.fct.pt

**IC** INSTITUTO  
CÁMÕES  
PORTUGAL



FUNDAÇÃO  
CALISTE  
TANZIENSE



CLEPUL  
CENTRO DE ESTUDOS DE LÍNGUA  
PORTUGUESA

**INCM**  
INSTITUTO NACIONAL DE  
LINGUÍSTICA E CIÊNCIAS DA LINGUAGEM



FARO